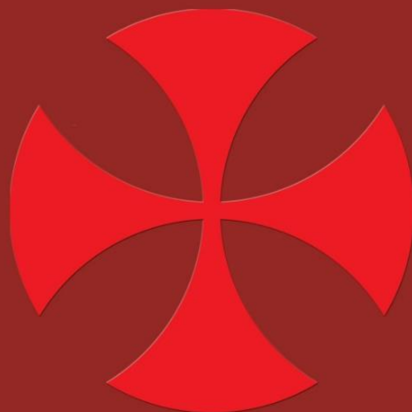
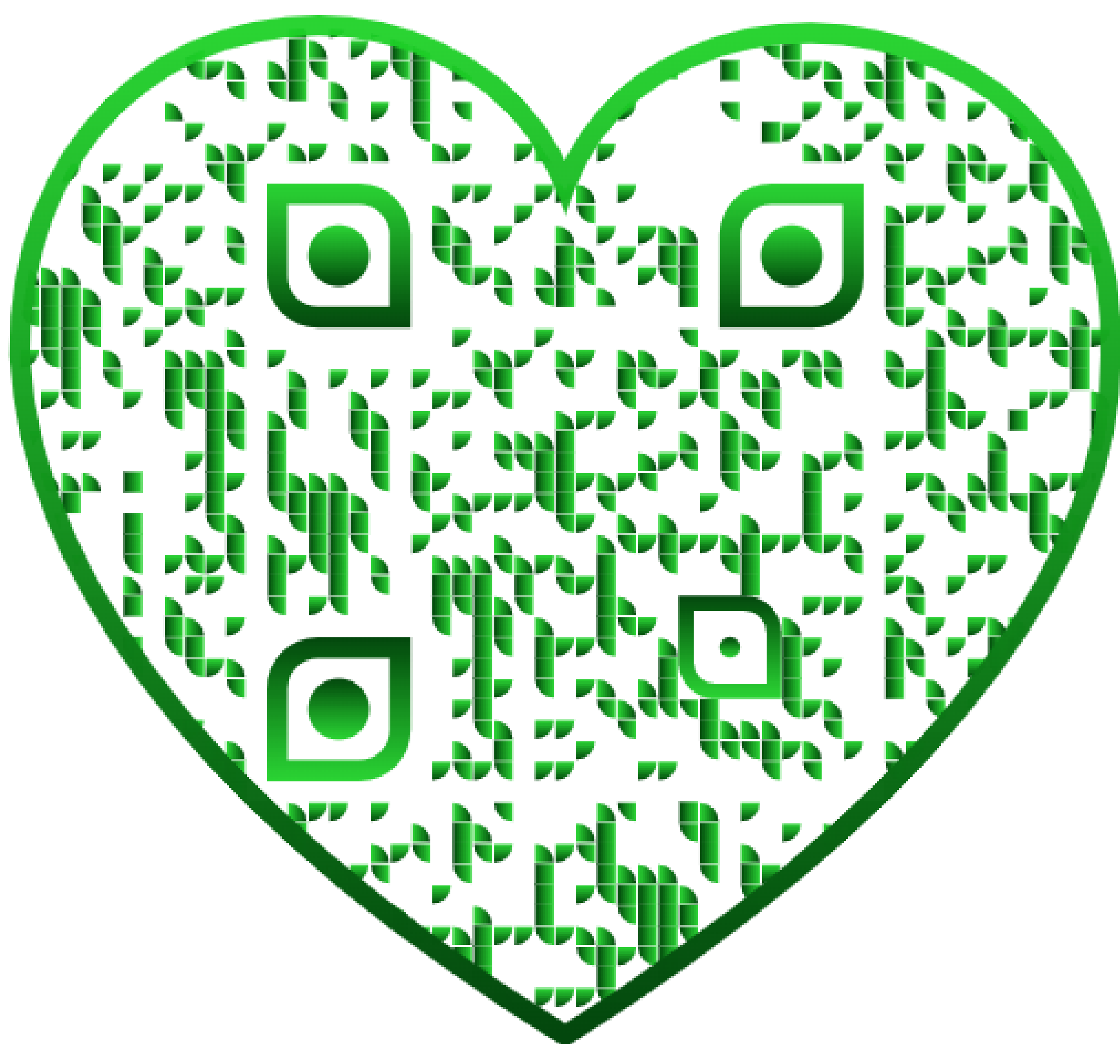


Sociedade das Ciências Antigas

O Plano Astral:
O Estado de Desordem e a Evolução Póstuma do Ser Humano

Papus





Sociedade das Ciências Antigas

O PLANO ASTRAL: O ESTADO DE DESORDEM E A EVOLUÇÃO PÓSTUMA DO SER HUMANO

POR PAPUS

PRESIDENTE DO GRUPO INDEPENDENTE DE ESTUDOS ESOTÉRICOS
DIRETOR DE *L'INITIATION* E DE *VOILE D'ISIS*



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

LE PLAN ASTRAL - L'ÉTAT DE TROUBLE ET
L'ÉVOLUTION POSTHUME DE L'ÊTRE HUMAIN

CHAMUEL ÉDITEUR
PARIS - 1894

O estado de desordem e a evolução póstuma do ser humano

A tradição cabalística determina três fases sucessivas no fenômeno da morte e ensina que a morte do corpo físico, seguida pela dissolução de seus elementos, é apenas a primeira etapa da evolução póstuma da entidade humana.

No entanto, nenhum escritor contemporâneo abordou, segundo nosso conhecimento, a análise dos fatos que se estendem desde o início da agonia até o momento em que o elementar é constituído definitivamente. Contentamo-nos em dizer apenas que este é o estado de desordem e em geral não se vai mais além.

Mas esta questão é de grande importância a elucidar, porque permite realizar deduções capitais, por um lado sobre o aspecto do sepultamento, da cremação ou do embalsamamento do corpo físico e, em segundo lugar, sobre a reação do ideal do ser humano com respeito ao futuro.

Nós nos esforçaremos, assim, para expor, tão claramente quanto possível esta questão, como, ao menos, podemos concebê-la; Mas nós não teremos a pretensão de determinar uma verdade final, cabe ao leitor verificar se as nossas deduções são realmente racionais. No entanto, temos a certeza de que elas estão de acordo, sobre este ponto, com a tradição esotérica que poucos escritores contemporâneos conhecem.

Resumo da constituição dos seres humanos

No estado de encarnação, o homem é formado por uma massa material, animado por um princípio especial comum à toda a natureza, à vida, e responsável por definir o verdadeiro homem, o espírito consciente, em relação com o ambiente externo e material.

Sabemos da importância atribuída pelo ocultismo ao estudo deste princípio intermediário entre o corpo físico e o Espírito, a este princípio que nós denominamos, de acordo com Paracelso, como *o corpo astral*. Também é conhecido que este corpo astral é duplamente polarizado (como qualquer princípio intermediário) e ele preside a marcha do corpo físico sob o nome de vida orgânica, mas que ele também se manifesta à consciência sob o nome de ser impulsivo, de homem mortal (Platão), de inconsciente inferior (Cabala), de impulso reflexo (psico-fisiologistas), etc, etc.

No sono normal, sono hipnótico e especialmente no sonambulismo, é o ser impulsivo somente que age, os reflexos são todo-poderosos e a ação diretriz da mente consciente é abolida por ruptura dos impulsos nervosos.[*]

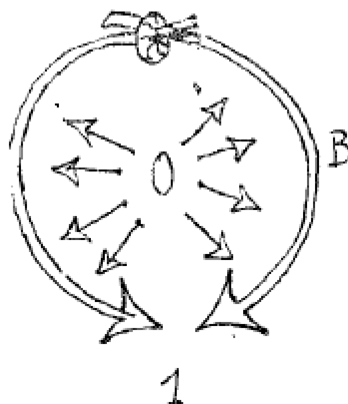
O papel do corpo astral, do ponto de vista puramente orgânico, não é menos interessante, e é ele quem vai nos dar a chave para o fenômeno da morte física.

As várias células, cujo agrupamento constituem o corpo material, não ocupam sua posição hierarquicamente determinada senão através da influência do corpo astral. A afinidade especial de cada uma dessas células, consideradas separadamente, seria bastante para fugirem deste grupo, se o corpo astral não sintetizasse, sob sua influência preponderante, todas essas tendências individuais anárquicas, nem dirigisse todos os esforços individuais para a harmonia coletiva, a qual chamamos de saúde.

---

[*] Vide *Magia Prática*, p. 60-74

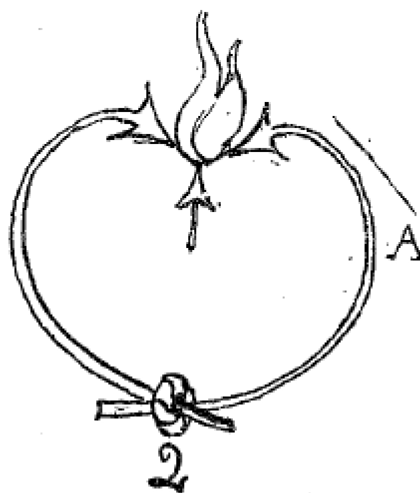
Representemos por uma série de pequenas setas centrífugas essa *tendência* original das células de individualismo e por duas grandes setas em direção centrípeta essa propriedade unificadora e totalizante do corpo astral. Esta é a representação esquemática da ação do corpo astral sobre o organismo ou corpo material.



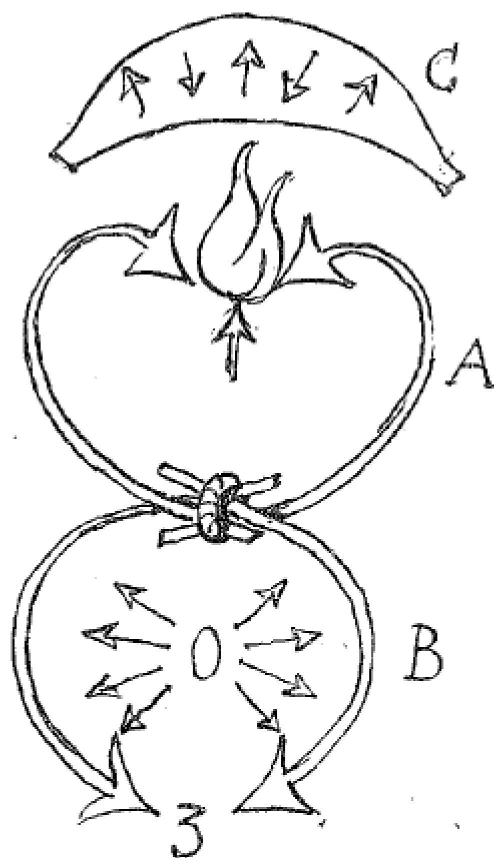
Mas este corpo astral igualmente possui uma ação sobre o espírito imortal. É graças à existência deste corpo astral que o espírito pode entrar em relacionamento com o organismo e com o mundo material exterior; é graças ao corpo astral que a relação entre o EU e o NÃO-EU pode se estabelecer.

A *tendência* deste espírito também é centrífuga, a essência deste espírito leva à mudança de estado; mas o corpo astral, através da força nervosa, dá ao espírito os instrumentos necessários para a sua estadia na matéria orgânica.

Para representar isso, nós consideramos o espírito como uma chama cuja *tendência* é sempre de elevar-se e adicionaremos uma seta indicadora para tornar a imagem ainda mais clara.



Duas setas em direção centrípeta vão representar o papel do corpo astral em relação com o espírito. Assim, obtemos uma segunda figura esquemática que, somada à primeira, indica perfeitamente o duplo papel do corpo astral no homem encarnado (A e B).



Mas, se não desejarmos omitir nada, não nos esqueçamos que o homem povoa sua atmosfera astral de todo um mundo de ideias vivas, e que juntas constituem o *ideal* de cada um de nós. Esse ideal pode ser muito inferior à visão humana; Ele poderá tender ao crime e a embriaguez, como poderá ser muito superior: independentemente, ele existe, e constitui a atmosfera astral, origem do destino e irá desempenhar um papel significativo na evolução póstuma da Mônada humana (Fig. 3.C).

Mas não estamos conscientes desta atmosfera astral? Poderiam perguntar-me. Certamente, exceto pelos remorsos ou pelo pressentimento, porque ela constitui o *inconsciente superior*, o Self de certos místicos contemporâneos.

O homem, o EU, é colocado entre dois inconscientes. O inconsciente orgânico, coroado pelo ser impulsivo, abaixo, e o inconsciente superior, no alto. Desnecessário lembrar que estas palavras de *baixo* e *alto* são apenas enunciadas para ilustrar mais facilmente esta ordem dos fatos. Não há alguma de tais diferenciações no astral.

Assim, uma vontade livre, capaz de realizar as aspirações da Mônada humana para as paixões e a matéria, ou para o sacrifício e o Espírito, tal é, em resumo, a constituição do homem encarnado.

Vejamos o que acontece com esses elementos no momento da agonia.

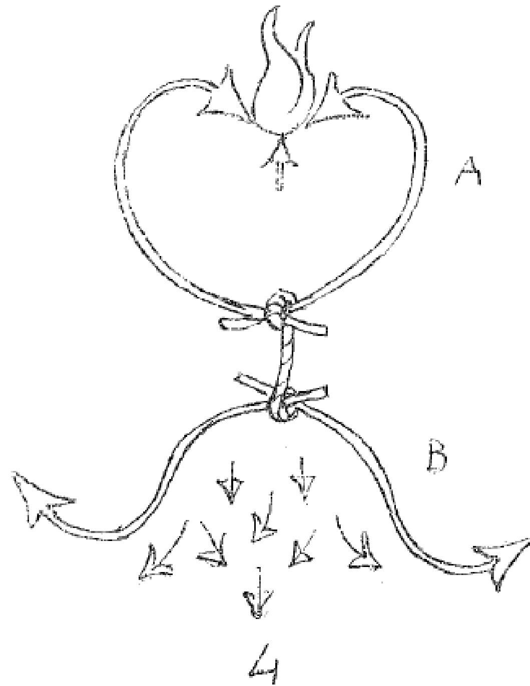
A agonia e a morte do corpo físico

A agonia começa no momento cuja tensão, que permitia o corpo astral dominar os impulsos individuais das células orgânicas, enfraquece.

Neste momento, as duas modalidades do corpo astral se separam, a modalidade inferior perde sua força coesiva e as células orgânicas, retomando sua liberdade individual, separam-se do centro

geral. Isso é o que constitui o fenômeno da decomposição do corpo físico (Fig. 4).

Por conseguinte:



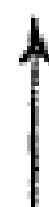
1º. Separação das duas modalidades do corpo astral;

2º. Luta do corpo físico e corpo astral, mais ou menos longa, dependendo se o indivíduo é mais ou menos materializado: Estas são as duas primeiras fases da morte.

Mas o que acontece no alto? Como se comporta a modalidade superior do corpo astral, aquela que contém a memória dos detalhes quotidianos da vida, o princípio dos impulsos reflexos, aqueles que nós chamamos de *ser psíquico impulsivo* (o homem mortal de Platão)?

Este ser psíquico impulsivo é associado ao Espírito, ao qual serve como instrumento de percepção e de manifestação no mundo físico. *Ele determina a afinidade que possuirá a entidade humana imediatamente após a morte*.

O desejo é a raiz do ser, ensina-nos o Martinismo. Ou, o mais intenso desejo manifestado antes da morte determina a direção do impulso dado a esta porção do ser humano. O moribundo é animado por um grande desejo de felicidade, espera-lhe o céu prometido pela religião exotérica e está seguro de possuí-lo? A tendência do ser será dirigida ao alto e a afinidade existirá somente para as coisas superiores.



Em vez disso, o indivíduo que cometeu suicídio, aspira de todo o seu desejo para o nada? A tendência de ser será para baixo e a afinidade será para as coisas inferiores (*infera*, o inferno).



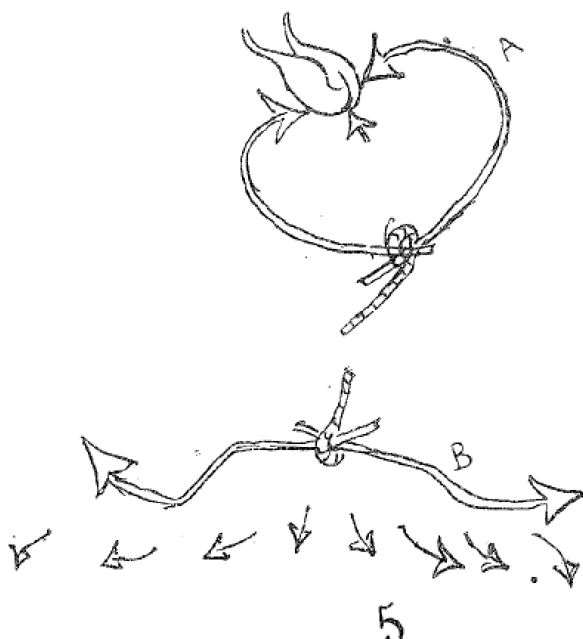
No primeiro caso, a afinidade se dirigirá ao amor e a síntese, no segundo caso, ao ódio e a dissolução.

Assim:

1º. Agonia, deslocação das duas modalidades do corpo astral. Luta entre células orgânicas e o corpo astral inferior.
2º. Reação do ser impulsivo sobre o espírito. ÚLTIMO DESEJO. Resultado desta reação;
3º. Libertação do espírito cercado pelo corpo astral superior; (ser psíquico) e a afinidade da entidade libertada em direção ao alto ou abaixo.

Tais são os três estágios da *primeira fase da morte* ou da morte primeira, dado que a Cabala ensina que há três mortes, cada uma seguida por uma nova ascensão.

Neste momento, portanto, o corpo físico se decompõe, conectado por um *laço fluídico astral* na parte superior do ser humano que irá continuar sua evolução (Fig. 5).



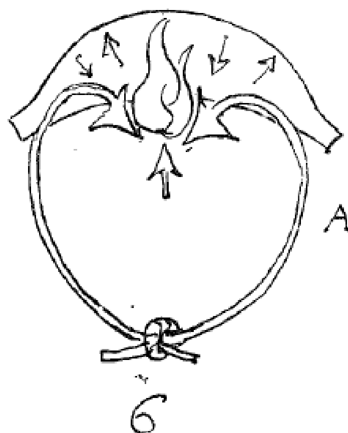
5

Mas essa afinidade, resultante do último desejo, constitui o único determinante da evolução futura?

Certamente que não, porque a Justiça não existiria mais, e seria suficiente para os mais horrendos criminosos terem elevado sua astralidade no último momento, com um rito religioso para evoluir, enquanto a vítima infeliz, atingida em um estado de desejo não acentuado, evolui para baixo. Aqui é onde intervém a ação compensatória do *Ideal,* da atmosfera Astral, que criamos incessantemente em torno de nós, no decorrer da vida.

Eis o *segundo corpo,* que nossos desejos lentamente criaram, e que irá substituir o corpo físico que acabamos de deixar.

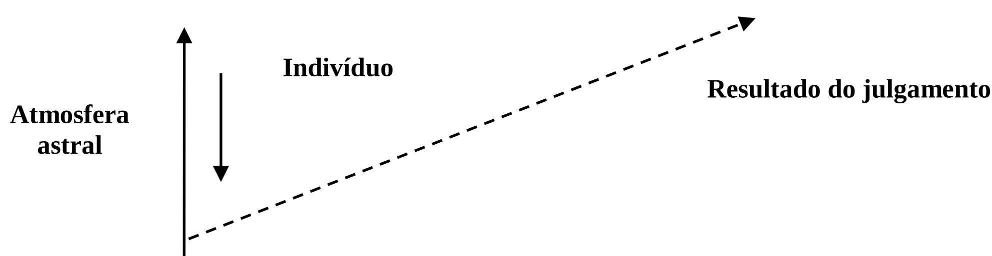
O espírito, cercado por sua porção do corpo astral, vem confundir-se com o *Ideal* de que ele é criado (Fig. 6). É então que tem lugar a *compensação das tendências,* simbolizadas pelas religiões exotéricas com o nome de julgamento, com a única consideração de que a consciência, cujo princípio é a justiça imortal, é o único juiz e que os resultados do julgamento são matematicamente determináveis.



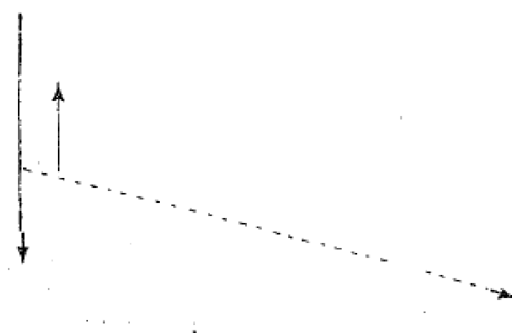
A tendência do ideal criado pode ser superior ou inferior. Um indivíduo que tem constantemente se sacrificado pelos outros, que tem gerado, no decorrer de sua vida, aspirações sempre elevadas, criou em torno de si uma maravilhosa atmosfera astral cuja tendência é puramente superior. Supondo que o último desejo ou a última ação tivessem sido em contradição absoluta com o resto de sua vida, o que lhe aconteceria?

O ser cuja afinidade é inferior, de acordo com o último ato realizado, vem fundir-se com um ideal de tendência muito superior, e como o impulso para o ideal, lentamente gerado, supera muito a dinâmica do último momento de vida, o indivíduo é *salvo* por suas próprias ações passadas.

Tal é a justificativa para a grande ideia de Pitágoras de gerar o futuro no passado, através do presente. No presente caso, podemos caracterizar a tendência do ideal por uma grande seta em direção superior e a tendência do indivíduo por uma menor, em direção inferior; a resultante será a ascensão:



Mas considere o caso contrário. Um criminoso, cujo astral é terrível, arrependeu-se no último momento e despertou seu ser com tendência superior. O resultado do julgamento varia muito pouco. O arrependimento destinou-se, simplesmente, a tornar um pouco menos rápida a tendência à dissolução.



Assim, a segunda fase da morte consiste na união do indivíduo com sua atmosfera astral. O espírito,

portanto, é revestido com um novo corpo, que os cabalistas denominam por *casca*. No caso mais geral, os indivíduos têm essas cascas, atrasando a evolução definitiva, e que irão se dissolvendo lentamente na luz astral. Portanto, estas são as três fases da segunda morte.

1º. Reencontro com o ideal;
2º. Reação do ideal sobre o indivíduo (julgamento);
3º. O resultado desta reação. Afinidade superior ou inferior do elementar.

Neste momento o que a Cabala denomina de um *Elementar* é de fato, constituído; o ser é formado por:

1. Espírito imortal, superior;
2. Corpo astral (porção superior), no aspecto intermediário;
3. Cascas, inferior.

Além disso, a ligação entre as duas partes do corpo astral ainda existe se o corpo físico não estiver completamente decomposto.

Antes de concluir esta parte de nosso estudo, insistimos no fato, de que as tendências superiores contidas no ideal se fundem com a parte astral da entidade humana e que as *cascas* são formadas pelas tendências inferiores.

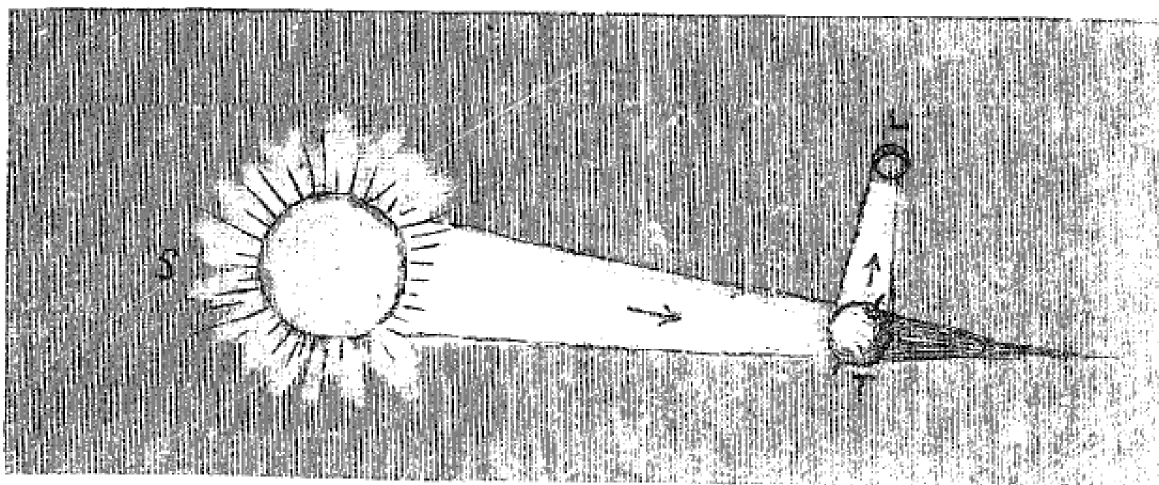
=========================

Os fenômenos que acabamos de enumerar, servindo-nos de linguagem e figuras puramente físicas, realizam-se no plano astral. Como poderíamos representar, sempre aos nossos olhos físicos, este plano astral?

Física e analogicamente, o plano astral pode se relacionar com dados astronômicos da seguinte forma (ver figura seguinte):

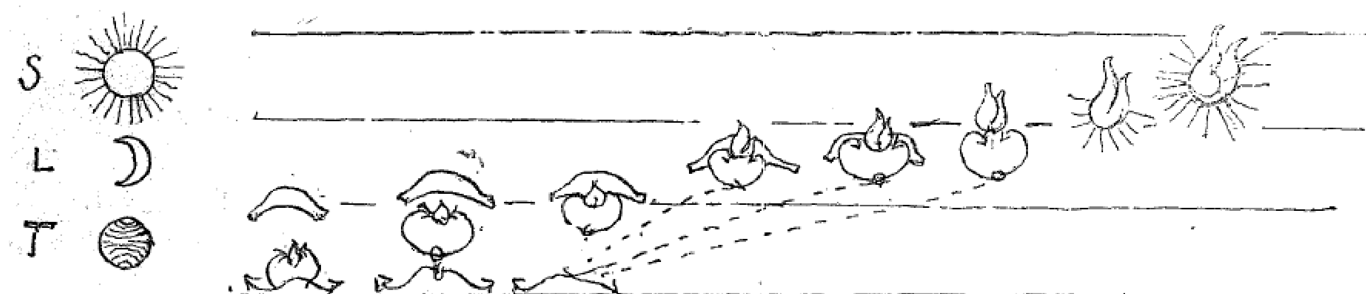
1º. A parte inferior do plano astral, para os habitantes da Terra, é formada pelo *cone de sombra* que a Terra arrasta consigo nos céus; Isto é o que Moisés chamava de *Érebo*, que os antigos chamavam de Inferno (*infera*) ou ainda de entrada dos Infernos. É a região dos elementais inferiores.

2º. A segunda porção do plano astral é formada pela *região sublunar*, pela esfera de atração da Terra sobre a Lua, seu satélite.



3º. Finalmente a parte superior do plano astral é constituída pelo campo de atração do Sol sobre os planetas de seu sistema (campo de atração do Astro Negro para iniciados). É esta região que Moisés denominava *Adamah*, se aportarmos a tradição do paraíso terrestre para o nosso universo.

Procuremos agora os relatórios da evolução da alma com cada uma das três regiões astrais. Consideremos **T** : região da Terra ou astral inferior; **L** : região sublunar ou astral intermediário; **S** : região solar ou astral superior (ver figura seguinte).



A primeira morte, a morte do corpo físico, acontece no Érebo e é lá que são precipitados os suicidas e todas as astralidades de tendências absolutamente inferiores. Foi depois de ter sido sacudida nas ondas astrais desta região que a evolução na direção da região Lunar retoma-se gradualmente.

A segunda morte, a morte da dissolução das cascas, ocorre na região sublunar, e, dali então, o Espírito revestido com seu *corpo de luz* (terceiro corpo) se lança na região solar.

Eu reenvio ao Sol as Almas imortais
Cujo Espírito ganhou suas asas
Para escapar à torrente das Gerações.
Do contrário, nos confins do espaço,
Eu os enlaço à Mulher e seus Destinos retornam
No jogo de meus vórtices.[*]

Desta forma, a reencarnação não se efetua senão para purgar o espírito dos flegmas persistentes e acrescentamos que esta reencarnação pode ocorrer em todos os planetas habitados de nosso sistema. Mas este é um assunto que fugiria deste nosso estudo: Então, voltemos ao tópico.

O *estado de desordem* estende-se desde início da agonia até a libertação do espírito e o desaparecimento das cascas, ou seja, até o final da segunda morte. É por isso que iniciados do Egito que tinham praticado a saída completa no astral eram chamados de *nascidos duas vezes*.

Para não estender este estudo indevidamente, concluiremos com duas observações:

1º. A influência do sepultamento, cremação e embalsamento sobre o corpo físico;
2º. As mudanças trazidas no astral de um indivíduo por um crime.

Influência do tratamento do corpo físico sobre a evolução póstuma

Já vimos que a ligação fluídica que unia a entidade humana ao corpo físico persistia enquanto a dissolução deste corpo físico não tivesse sido concluída. É fácil deduzir aqui uma resposta a uma pergunta colocada pelo senhor E. Bosc a este respeito.

---

[*] Saint-Yves d'Alveydre, *La Lune*, em *Testament lyrique* (1877).

Sepultamento. Quando o corpo físico está enterrado, a evolução da entidade humana, especialmente se as tendências, se os desejos individuais foram materiais e terrestres, está intimamente relacionada com a lenta dissolução do corpo físico. Neste caso a ruptura do vínculo fluídico é feita gradualmente e sem grandes sofrimentos morais por parte do indivíduo, exceto em casos onde a astralidade é demasiada ruim.

Incineração ou cremação. A incineração é uma operação cirúrgica. Os indivíduos pouco evoluídos experimentam um sofrimento moral considerável, sentindo destruir este corpo, único objeto de sua adoração, mas tudo isso é compensado pela completa separação do laço fluídico que ligava ainda o Espírito ao mundo material.

Embalsamamento. Os iniciados não necessitam levar em conta as contingências materiais que detêm a maioria dos homens comuns. Também, na morte, o iniciado se libera rapidamente de seu corpo físico, em seguida do segundo corpo de que ele se vestiu no mundo sublunar, para se lançar na esfera de atração solar. No entanto, como nenhum ser saberia transgredir as leis da natureza, o espírito, assim evoluído, é conectado por dois laços fluídicos aos corpos dos quais trata de sair. Um laço liga o corpo físico à casca astral e um outro laço une a casca astral ao Espírito. Nenhum sofrimento moral poderia existir sob essas condições.

Os sacerdotes egípcios, perfeitamente familiarizados com esses dados e querendo condensar em seus templos uma riqueza considerável de astralidade, revestiram, pelo processo de mumificação, o corpo físico de iniciados (sacerdotes e reis) por uma espécie de corpo astral material, ou melhor, por uma couraça protetora agindo após a morte sobre as células orgânicas, da mesma forma que o corpo astral atuava durante a vida material. Assim, o corpo físico não se decompunha, o laço fluídico astral existia sempre, e as relações entre os iniciados vivos e iniciados mortos eram ainda sempre possíveis. Daí a importância deste ato, cuja causa tem escapado a todos os escritores pouco familiarizados com as tradições esotéricas.

Do martírio

Todo indivíduo morto por uma ideia imortaliza, por este mesmo fato, a ideia da qual ele se tornou o princípio animador no invisível. Analisemos brevemente as condições da atmosfera astral de dois indivíduos: o assassino e a vítima.

O que faz o assassino? Ele repentinamente para um movimento em plena evolução. Como as leis da mecânica são universais em todos os planos, o assassino age como homem que livremente pararia uma bala de canhão em pleno curso, ou seja, que a força adquirida, subitamente obstruída, condensa-se no ponto de interrupção. Astralmente, o assassino imediatamente se carrega de todo astral inferior que poderia possuir sua vítima, a qual se tornou um mártir. Também o ideal gerado por este assassino no momento do crime é neste ponto materializado, para que se manifeste durante a vida sob o nome de *remorso*.

O que será depois da morte?

Por outro lado, a vítima vê sua atmosfera astral desembaraçada de toda casca que a obscurecia, e a evolução póstuma é peculiarmente avançada. Prejudicar alguém astralmente é, portanto, aceitar a responsabilidade de tomar para si todas as faltas cometidas pela vítima em questão. Assim, a máxima habilidade consiste em ser honesto tanto no plano astral quanto no plano físico.

Eis porque veremos todos os principais iniciados jamais temerem a morte, mesmo violenta. Ainda a palavra do essênio Jesus é verdadeiramente divina quando, sabendo, através de iniciação, do destino

astral que aguardava os seus perseguidores, ele intercedia por eles, dizendo: "perdoai-os, meu pai: ELES NÃO SABEM O QUE FAZEM".

Eis porque também o Papa e o Rei, concordando em assassinar os membros da ordem do Templo, não duvidaram da singular astralidade que eles geravam para a realeza e o papado no futuro.

Mas não insistimos. Nós oferecemos os elementos de um estudo que nossos leitores serão capazes de desenvolver através da meditação. Talvez ainda iremos regressar a este tema no futuro.

FIM